

**ALÉM DOS ELEMENTOS LINGUÍSTICOS: A INTERPRETAÇÃO DE TEXTO
COM BASE NOS FATORES DE TEXTUALIDADE**

**BESIDES THE LINGUISTIC ELEMENTS: THE INTERPRETATIONS OF
TEXT BASED ON THE FACTORES OF TEXTUALITY**

Ana Rita Sales¹
Manoel da Conceição Pantoja²
Maria do Carmo Acácio³

RESUMO: Este estudo aborda discussões acerca da interpretação de textos com base nos fatores de textualidade. Tomamos a categoria texto a fim de estabelecer seu sentido global a partir dos fatores extralinguísticos: aqueles fatores situados fora do texto que servem para gerar interpretação. Logo, discutem-se as causas que levaram a Linguística Estrutural permanecer à frente, por muito tempo, do estudo textual. Ademais, o presente estudo enfatiza o uso de gêneros textuais e sua interpretação, considerando a inter-relação entre a dimensão linguística do texto e a participação cooperativa dos interlocutores. Situamos esse estudo na grande área da Linguística do Texto, pautada nas pesquisas de Ingedore Koch, Irandé Antunes e Freda Indursky. Através de uma pesquisa bibliográfica, obtivemos bons resultados a partir da análise do corpus selecionado, que para esse estudo, utilizamos de uma notícia do portal MSN, uma crônica de Fernando Sabino e o poema *O bicho*, de Manoel Bandeira.

Palavras-chaves: Textualidade. Texto. Linguística Textual. Gênero textual.

ABSTRACT: This study deals with discussions about the interpretation of texts based on textuality factors. We take the category text in order to establish its global sense from extra linguistic factors: those factors located outside the text, which serve to generate interpretation. Soon, discusses the causes that led to structural linguistics stay ahead for a long time, the textual study. Furthermore, this study emphasizes the use of text genres and their interpretation, considering the interrelationship between the linguistic dimension text and the cooperative participation of partners. We situate the study in the area of linguistics text, based on research Ingedore Koch, Irandé Antunes and Freda Indursky. Through a literature review, we obtained good results from the analysis of the selected corpus, which for this study; we used a news portal MSN, a chronicle of Fernando Sabino and the poem *The animal*, Manoel Bandeira.

Keywords: Textuality. Text. Textual Linguistics. Genre.

INTRODUÇÃO

É por meio da linguagem que nos comunicamos e planejamos nosso pensamento na vida social. Não vivemos sem interação e, esse convívio se manifesta por meio da linguagem, que para Câmara Junior (1986), é através dela que se parte à boa manifestação dos sentidos e

¹ Concluinte do curso de Letras (habilitação em língua portuguesa), das Faculdades Integradas Ipiranga.

E-mail: ritaana59@hotmail.com

² Concluinte do curso de Letras (habilitação em língua Portuguesa), das Faculdades Integradas Ipiranga.

E-mail: ismaelmarajo43@gmail.com

³ Professora orientadora das Faculdades Integradas Ipiranga. Mestra em Linguística Aplicada pela UNITAU-SP

E-mail: profmcarm@gmail.com

aprendizados das normas sociais, isto é, a linguagem é mediadora entre os membros da sociedade e seus costumes.

Na comunicação do dia a dia utilizamos da linguagem para fazer fluir nosso pensamento; gostos, valores, sentimentos. Esses aspectos da comunicação se situam em cima da lógica do texto, que por muito tempo era visto como um encandeamento de frases com sentido. Sabe-se que essa lógica de texto supérfluo foi ensinada por séculos para os alunos. Com tal prática de abordagem, os estruturalistas criaram paradigmas de que para a compreensão do texto, bastam os elementos que se encontram em sua superfície, desconsiderando, assim, toda manifestação extralinguística.

O texto, para as teorias estruturalistas, era visto como unidades enxutas compostas de frases que deveriam estar ligados pelos elementos gramaticais. O contexto não tinha importância na época e o bom texto era aquele que apresentavam as frases com todas as regras gramaticais estabelecidas. Se olharmos para o passado, veremos que as teorias gramaticais sempre foram privilegiadas na educação, onde o texto é visto como uma sequência bem formulada de palavras. Indursky descreve:

Os gramáticos formulavam regras que pudessem dar conta do bom uso da língua. Aquele que as dominassem, teria a sua disposição a arte de falar bem, mas sem entrar na Oratória ou na Retórica. Diria que, com o desaparecimento da Retórica e da Oratória, inicia-se o apagamento do texto no interior da gramática. (INDURSKY, 2006, p. 38).

Indursky (2006), por meio de Adam, ainda afirma que o conceito de “texto” começou a tomar consistência a partir das reflexões de Quintiliano, o qual no período clássico, utilizava a gramática para ensinar oratória; já, os gramáticos da língua moderna usam a gramática para descrever as línguas neolatinas, porém, distantes dos estudos da Oratória e da Retórica. Assim, lendo através de Adam (1999, *apud* Indursky 2006), e das relações que este autor estabelece com os outros teóricos, podemos ver que esta é uma preocupação que tem atravessado séculos.

Observa-se que a questão do texto é bem antiga e era pensada por autores clássicos do mundo romano que se ocupavam de Oratória, de Filosofia e de Gramática. Sobre esta questão explicar que Cícero (106-43 a. C.) deixou uma vasta obra que pode ser dividida em duas grandes partes: tratados de argumento retórico e tratados de argumento filosófico, no interior das quais refletiu, dentre muitas questões de natureza política, filosófica, religiosa, oral, sobre a retórica e, neste âmbito, refletiu sobre a questão que aqui nos mobiliza, o texto.

Segundo Adam (1999, *apud* Indursky 2006) o desaparecimento dos textos dos estudos é porque os grandes gramáticos das línguas não tomaram o texto como objeto de análise. E

isto se deu porque eles entendiam que se um falante domina as regras gramaticais e sabe fazer frases bem formadas, então também sabe compor textos bem formulados, porque os textos são constituídos pela combinação de sílabas, palavras e frases. Essa concepção retardou /dificultou a constituição do texto como objeto de estudo, e solidificou os estudos do objeto gramatical, a frase e o período. Tal concepção ainda persiste em algumas escolas e na prática de alguns professores, que para Antunes:

[...] continua fora de foco o estudo das regularidades textuais, ou o estudo dos processos e das estratégias implicados na construção e na interpretação da atividade verbal, no entendimento de suas funções e do que as pessoas fazem com ela no cotidiano de suas relações pessoais. (2009. p. 53).

As lacunas das gramáticas de frase no tratamento de fenômenos da língua levaram os linguistas a desenvolverem a gramáticas textuais. Nestas o texto é considerado muito mais que uma simples sequência de enunciados, a sua compreensão e a sua produção derivam de uma competência específica do falante – a competência textual - que se distingue da competência frasal ou linguística em sentido estrito. Como a descreve, por exemplo Chomsky (1965 *apud* FÁVERO; KOCH, 2009).

Compreende-se que as gramáticas do texto, visando superar as restrições dos fenômenos tratados pelas análises transfrásticas, buscou contemplar o papel do falante e sua competência linguística na produção e interpretação dos sentidos dos enunciados. Chegando, assim, às contribuições de Beugrande e Dresser, acerca dos sete critérios de textualidade: coesão, coerência, situacionalidade, informatividade, intertextualidade, intencionalidade e aceitabilidade, enquanto os dois primeiros possuem ênfase na configuração linguística, os cinco seguintes possuem ênfase na situação comunicativa (KOCH, 2004)

Nessa pesquisa, pretende-se abordar a questão do texto levando em consideração os fatores de textualidade, pois entende-se que o texto é construído também por fatores exteriores que dão sentido e interpretabilidade a ele. É importante, para tanto, que se passe das ideias estruturalistas acerca dos estudos textuais. Nesse sentido, compreende-se que os elementos que estão na superfície do texto são imprescindíveis para sua compreensão, mas não são os únicos, pois para Antunes (2009, p. 50) “o que está no texto é o que constitui o saber prévio do leitor se complementam neste jogo de reconstrução do sentido e das intenções pretendidas pelo texto”.

Com tal afirmação de Antunes, fica evidente a necessidade de trabalhar a interpretação textual sem desconsiderar os fatores de textualidade, pois é a partir desses fatores que se compreenderá a interpretação global e as intenções comunicativas pretendidas pelo autor.

Assim, na tentativa de contribuir para os estudos em Análise de Gênero, na perspectiva interacional da linguagem, na grande área da Linguística de texto que considera o texto uma unidade linguística hierarquicamente superior à frase, e partindo do princípio de que a gramática de frase não dá conta do texto, pretendemos desenvolver um estudo focado na análise de textos, considerando a inter-relação entre a dimensão linguística do texto e a participação cooperativa dos interlocutores. Para isso utilizaremos como categoria de análise os princípios de textualidade.

Dessa forma as principais questões que nortearam esta pesquisa: a) como desenvolver um estudo focado na análise de textos que vá além dos elementos linguísticos do texto? b) como trazer para o ensino de línguas a análise de textos, considerando a inter-relação entre a dimensão linguística do texto e a participação cooperativa dos interlocutores?

Com o exposto acima, tem-se como objetivo geral: desenvolver um estudo focado não só no contexto linguístico, mas também no contexto extralinguístico de produção e circulação do texto. Além do mais, os objetivos específicos são: a) investigar a noção de texto pelo viés do campo teórico da linguística textual; b) buscar saber acerca dos fatores de textualidade e gêneros textuais como referência para o ensino de línguas; c) analisar textos indo além dos elementos linguísticos.

Como justificativa para a realização dessa pesquisa, entende-se que a atividade da leitura de textos favorece *a ampliação do repertório de informação do leitor* que incorporando novas ideias, novos conceitos, novos dados, novas e diferentes informações acerca das coisas, das pessoas, dos acontecimentos, do mundo em geral, utilizando-se de vários meios e principalmente da leitura escolar seja disciplinar ou de textos de outras disciplinas representa uma oportunidade bastante significativa de aquisição de novas informações.

Consideramos relevante essa pesquisa porque busca desenvolver um estudo na perspectiva interacional da linguagem que possibilita compreender o processo de análise dos elementos linguísticos que conduzem os passos do ouvinte ou do leitor no processo de apreensão dos sentidos e intenções que subjaz no texto, considerando para isso os fatores da textualidade.

Com o estabelecido acima, essa pesquisa fica organizada em uma introdução e duas seções. Na primeira seção é discutida a teoria da Linguística Textual, os fatores de textualidade e gêneros textuais. Nessa seção inicial foi levado em consideração o texto como fenômeno superior à palavra e às frases. Na segunda seção, são analisados três textos selecionados. O primeiro trata-se de uma notícia extraída do portal MSN, do dia 11 de

setembro de 2015; o segundo texto é a crônica *Notícia de Jornal*, de Fernando Sabino e o terceiro é *O bicho*, poema de Manoel Bandeira. Para a análise desses textos, os princípios de textualidade foram a peça chave.

Por fim, temos as considerações finais. Nesse ponto, retomamos a ideia da pesquisa e concluímos. Além de, também, indicarmos o presente estudo.

1 REFERENCIAL TEÓRICO

Para que se concretize essa pesquisa, temos como postulados teóricos os estudos acerca da linguística textual desenvolvido no Brasil. Para tal, tomamos como referência os estudos de Ingedore G. V. Koch sobre essa teoria, mostrando o caminho da linguística do texto e sua relevância para o uso do texto em sala de aula. Far-se-á um paralelo entre a linguística textual e a gramática histórica, a fim de revelar o porquê da deficiência dos estudos textual até décadas atrás.

1.1 A linguística do texto

Este trabalho foca em vários aspectos da Linguística Textual, começando, primeiro, com uma pequena contextualização sobre como foi e por quem foi introduzido o termo Linguística de Texto. A partir daí, começa-se a ruptura com a outra teoria da época, a Linguística Estrutural, que não levava em consideração todo o universo textual.

A linguística textual desenvolveu-se na década de 1960, na Europa e de modo especial, na Alemanha. De acordo com Fávero e Koch (1983), a origem do termo linguística textual encontra-se em Cosériu embora, no sentido que lhe é atualmente atribuído, tenha sido empregado pela primeira vez por Weinrich. Sua teoria de trabalho consiste em tomar como unidade básica, ou seja, como objeto particular de investigação, não mais a palavra ou frase, mas sim o texto, por serem os textos a forma específica de manifestação da linguagem. Para Koch:

A linguística textual toma, pois, como objeto particular de investigação não mais a palavra ou a frase isolada, mas o texto, considerado a unidade básica de manifestação da linguagem, visto que o homem se comunica por meio de textos e que existem diversos fenômenos linguísticos que só podem ser explicados no interior do texto. O texto é muito mais que a simples soma das frases (e palavras) que o compõem: a diferença entre frase e texto não é meramente de ordem quantitativa; é, sim, de ordem qualitativa. (2004, p. 11).

A Linguística Textual se desenvolveu de forma heterogênea, e se dividiu em três fases. Entretanto, pela forma de como ocorreu o seu desenvolvimento, nunca foi possível

estabelecer uma cronologia entre suas fases, porém tem-se certeza de que houve um progresso gigantesco no decorrer de uma para outra.

A primeira fase foi denominada de *análise transfrástica*, pois já buscava os sentidos para além da frase. No entanto, esta fase esbarrou em sua própria teoria, isto é, acreditava que o texto era uma sequência pronominal ininterrupta, fato este, que logo tornou-se ultrapassado.

Por consequência do fracasso da primeira fase em explicar coisas consideradas primárias para a noção de sentido do texto, Indursky (2006) orienta que surgiu a necessidade de criar uma nova teoria. Esta, por sua vez, entendia que, em muitas ocasiões, cabia ao leitor/ouvinte constituir o sentido global de uma sequência de enunciados. Todavia, também considerava que alguns aspectos, ainda a serem explicados, deveriam estar somente dentro do texto e não fora dele. Indursky (2006) ainda afirma que nessa segunda fase, conhecida como gramática do texto, os teóricos questionavam os fenômenos extralinguísticos, como a coesão e coerência, além da textualidade.

Para a última fase, a linguística textual se dá com uma nova concepção de língua, encarada agora, não mais como um sistema virtual autônomo, mas como um sistema real que ocorre em dados contextos de comunicação e também como um conceito diferente de texto, não mais visto como algo pronto e acabado, e sim, como um processo de construção. Bentes elucida essa questão:

No terceiro momento, adquire particular importância o tratamento dos textos no seu contexto pragmático, isto é, o âmbito da investigação se estende do texto ao contexto, este último entendido, de modo geral, como o conjunto de condições externas da produção, recepção e interpretação dos textos. (2005, p. 251).

Portanto, a partir dessa fase é possível notar que o objetivo não é mais a apreensão de regras subjacentes a um sistema abstrato, mas uma análise e possível explicação do texto em funcionamento.

Na questão da constituição do sentido do texto também houve várias discordâncias entre autores de décadas passadas. Cogitou-se a hipótese de haver uma espécie de texto e não-texto, onde tudo dependeria de seu sentido, de sua coerência. No entanto, Michel Charolles (1987, *apud* Fávero; Koch, 1983) definiu que tudo é texto, ou seja, para tudo há um sentido, porém, depende do “princípio da interpretabilidade”.

Para Bentes (2005), a Linguística Textual não vê textos incoerentes, pois não há parâmetros que digam que certas sequências podem estar erradas ou não, para essa teoria tudo depende das condições e dos usuários (produtor/receptor). A mesma corrente teórica

estabelece que para o texto ser coerente, esse precisa do Princípio de Interpretabilidade, isto é, que os textos seriam todos aceitáveis, mas critica quando se tem textos fora das condições de produção adequadas. Essa teoria aponta, ainda, que os referentes podem valer-se da Intertextualidade e das Inferências para que se chegue a uma interpretação valorativa de tais textos.

No que tange os estudos gramaticais, por séculos esses estiveram à frente das discussões textuais. Pouco se via falar em texto e muito menos em gêneros textuais. Para Bagno (2004) os estudos dedicados à linguagem tinham exclusiva função da prática dos estudos literários, nas opções feitas por grandes escritores da época. Para o autor a essência estava na língua escrita, sendo deixada de lado toda manifestação de língua falada. Mas daí se parte uma controvérsia, pois em termos de quantidades, as línguas foram muito mais faladas do que escritas. Logo, pressupõe-se que o domínio da linguagem estava na mão da elite. Bagno (2004, p. 16) descreve:

Mas isso não deve nos espantar, porque essa atitude corresponde perfeitamente ao tipo de sociedade daquela época, em que a cultura letrada era domínio de um número pequeníssimo de pessoas, que pertenciam à aristocracia, isto é, à classe que detinha o poder econômico e político e ditava as normas do que era bom e certo em todos os aspectos da vida social.

Foi partindo dessas dificuldades, principalmente da que via o texto como um encadeamento de frases, que surgiu a linguística textual. Para os teóricos dessa ciência, é preciso olhar o texto pelo viés da Semântica e da Pragmática em conjunto com a Sintaxe e a Morfologia. Logo foi pensado em uma teoria que desse conta do contexto do texto.

1.2 Textualidade e gêneros textuais

A textualidade e os gêneros textuais são fundamentais para apoiar um ensino do texto como atividade de acesso ao conhecimento de forma mais significativa, através de diversas influências, inclusive do campo da pragmática e suas várias interações da linguagem.

Com o decorrer dos estudos em linguística do texto, Antunes (2009) afirma que as palavras e as frases só passaram a ter seu sentido pleno, quando vistas como fragmentos do texto. A frase, a partir da teoria textual, tornou-se componente do discurso. Ademais, a participação das pessoas no mundo, com seus modos de pensar, firmar e afirmar passou a integrar a lógica da textualidade. Para Antunes (2009), houve necessidades de se aterrissar no campo dos estudos textuais, pois precisava quebrar o modelo de aula do tipo “Ivo vê a uva”.

Aquele ensino centrado em regras gramaticais enxutas. Sem conexões com o mundo exterior, tanto daquele que escreve, quanto daquele que lê, passou a dar lugar a uma prática de ensino mais dialógico e contextual. Além disso, o ensino de línguas pedia discussões mais interativas e funcionais. Dessa forma:

A chegada ao consenso da textualidade implicou uma mudança de perspectiva, a qual ampliou sensivelmente o objeto da investigação linguística e a deixou na condição epistemológica de dar conta daquilo que acontece, efetivamente, quando as pessoas falam, ouvem, escrevem e leem nas mais diferentes situações da vida social. Representou, portanto, um grande passo para a compreensão do que é a linguagem e de seu modo de funcionar. (ANTUNES, 2009, p. 50).

Compreende-se, então, que a Textualidade, segundo Antunes (2009), é aquilo que dá sentido global ao texto, que o faz ser reconhecido como categoria textual. Uma frase com a textualidade deixa-se, assim, de ser considerada uma simples sequência de palavras e passa ao quesito texto. Mas essa sequência de frases só tende a ser estabelecida como texto quando aquele que a ler for capaz de admiti-lo como unidade de significação global. Disto, é importante, pois, levar em consideração a situação de elocução e a capacidade de compreensão dos interlocutores, pois se tais sequências forem pronunciadas em condições desfavoráveis aos referentes, essas se tornam incoerentes.

A textualidade de forma mais ampla é uma ação social de interação que se revela através de textos. Dentro da perspectiva da textualidade, as palavras e frases se tornam componentes do discurso utilizados socialmente quando as pessoas dizem, agem no espaço e no tempo, fazendo existir e ouvir. Portanto, há uma necessidade de o professor trabalhar com textos dentro dessa lógica. “É preciso chegar ao âmbito das práticas sociais e, daí, ao nível das práticas discursivas”. (ANTUNES, 2009, p. 53).

Com o exposto acima, não há mais espaço para se trabalhar textos, em aulas de língua portuguesa, com o intuito apenas de se retirar frases e estabelecer as ordens sintáticas. É preciso, pois, sair da margem do texto, do visível. A visão de ensino deve aliar os componentes extralinguísticos. Segundo Antunes (2009, p. 51) “O estudo das línguas recobriria mais consciência e mais relevância se elegesse, como ponto de referência, o texto”.

Dentro dessa perspectiva de ensino, torna-se importante trabalhar com os gêneros textuais, pois é entendido que nos comunicamos através de textos e, muitos textos se apresentam de forma particular, com organizações típicas. Portanto, o domínio de gêneros de texto tem um leque linguístico bem extenso e conhecer os diferentes gêneros, tanto escrito quanto oral, faz parte de um conhecimento de mundo dentro do nosso acervo cultural, pois a língua utilizada dentro de um grupo social reflete seu comportamento.

Para Antunes (2009, p. 55), “existe uma espécie de modelo para cada gênero de texto”. Logo, deve existir um ensino que aborde a ocorrência de cada gênero, dentro de uma lógica social. Trabalhar com gêneros textuais em aulas de português, é atentar para a produção particular dos textos, levando em consideração as condições sociais dos sujeitos, uma vez que, certos gêneros só circulam em determinados espaços e há condições de estrutura para sua circulação e acontecimento.

Marcuschi (2005) afirma que “os gêneros textuais são fenômenos históricos, profundamente vinculados à vida cultural e social”. Sendo assim, a escolha de um gênero, no momento de comunicação, vai depender da necessidade temática, dos participantes e da intenção do locutor. Em uma análise concreta dos gêneros, leva-se em consideração que nada é dito apenas por dizer. A linguagem nos dá a possibilidade de arquitetarmos aquilo que queremos dizer, para quem queremos dizer e de que forma faremos para nos pronunciarmos. E tudo isso se manifesta através dos gêneros textuais.

Para Koch (2003) em conformidade com Bronckart (1994):

Uma ação de linguagem exige do agente produtor uma série de decisões, que ele necessita ter competência para executar. Tais decisões referem-se, em primeiro lugar, à escolha do gênero mais adequado, além de outras relativas à constituição dos mundos discursivos, à organização sequencial ou linear do conteúdo temático, à seleção de mecanismos de textualização e de mecanismos enunciativos. (KOCH, 2003, p. 55).

1.3 Os fatores de textualidade

Para que um texto tenha sentido global, é necessário ir além dos aspectos gramaticais que se expressam na margem do texto. Faz-se necessário olhar para os fatores extralinguísticos. Fatores esses que só acontecem quando há participação coletiva tanto daquele que produz o texto, quanto daquele que vai ler a produção. Portanto, a eficácia de um texto vai depender das intenções do leitor; do conhecimento prévio sobre o tema; da posição social do leitor em relação ao autor; dos conhecimentos das regras socioculturais em vigor, além do domínio da estrutura do gênero usado. Tais fatores são chamados de princípios de textualidade e são eles:

Intencionalidade - O sentido da intencionalidade, segundo Antunes (2009) refere-se à predisposição do falante em sua atividade verbal. O autor, nessa perspectiva da intencionalidade, ao produzir o texto, deve deter de informações que tenham sentido, ou seja, o autor passa a cooperar com o seu leitor. Ele procura produzir um texto que seja interpretável ao leitor, sem que esse tenha dificuldade em sua leitura.

Aceitabilidade - O princípio da aceitabilidade, por sua vez, refere-se ao esforço de cooperação que o leitor faz para receber o texto já produzido. Nesse viés, o parceiro da interação comunicativa – o ouvinte ou leitor também se dispõe a procurar sentido ao que é dito ou seja, do ponto de vista do interpretante, a expectativa de que aquilo que é dito, faz sentido em busca das possíveis ligações entre as partes do texto. Para Antunes “a aceitabilidade corresponde à predisposição do parceiro para apreender, calcular, captar os sentidos do que é dito pelo outro”. (2009, p. 76).

Por esses princípios citados acima, compreender-se que o emissor e o receptor estão contratualmente empenhados, estabelecendo o sentido global do texto, ou seja, a partir da cooperação que se estabelece dos dois, há possibilidade de entender algo é dito, mesmo ironicamente.

Além dos dois fatores citados acima, tem-se ainda mais os fatores de informatividade, situacionalidade e intertextualidade.

A *informatividade*, para Koch e Travaglia (2009), diz respeito ao grau de novidade e de imprevisibilidade que um texto carrega. Nesse sentido, o texto torna-se mais informativo, se ele contiver notícias desconhecidas e de interesse dos leitores. Ou seja, o leitor vai procurar ler sobre algo que ele desconhece. Esse desconhecimento irá instiga-lo a procurar as informações. Também o texto será menos informativo, se ele se mostrar mais conhecido ao leitor. Antunes ratifica o pensamento de Koch e Travaglia, a autora afirma que:

Quando um discurso nos parece muito pertinente, não o queremos perder e, facilmente, consentimos em “prestar-lhe toda a atenção”. Ocorre que um discurso é tanto mais pertinente quanto mais ele acrescenta; esclarece; informa; amplia nosso repertório; atende nossas aspirações estéticas; nossas representações simbólicas; satisfaz nossas necessidades de contato; nosso desejo do lúdico, do ameno etc. (2009, p. 126).

A *situacionalidade*, por sua vez, refere-se à adequação do contexto no qual um texto deve ser inscrito. Para esse princípio, devem-se levar em consideração os parâmetros externos que compõem o ambiente no qual o texto circula. Para Xavier (2006, p. 62), uma dissertação, por exemplo, precisa ser escrita “com graça e seriedade, com o grau de formalidade da linguagem (nível culto da língua) a ser usada, com a variante (padrão da escrita) exigida pelo contexto de avaliação e boa elaboração estilística”.

Por último temos a intertextualidade, que é a relação que um texto mantém com outros textos, ou seja, é quando num texto, de qualquer tipo e gênero, há fragmentos de outros textos. A noção de intertextualidade é bem ampla e, segundo Antunes (2009), no curso de nossa história de existência, temos apenas um único discurso que é composto; continuado por

outros sujeitos. Ao discutir intertextualidade, o autor referido acima afirma que nossos dizeres apenas continuam dizeres anteriores mencionados; há sempre uma ligação entre os discursos.

Para Antunes (2009, p. 164) entende-se por intertextualidade, em um sentido mais restrito:

A operação que se efetiva pela inserção explícita de determinado texto em outro texto. Na verdade, essa inserção costuma ser de um fragmento (maior ou menor) de um texto em outro. Essa inserção, ainda, pode remeter ao texto de origem, ou pode assumir a forma de uma paráfrase (o mesmo dito com outras palavras) ou de uma alusão, apenas, sem referências indicativas de sua procedência.

Nessa perspectiva, Antunes (2009) propõe, então, que o estudo do texto seja feito através da inter-relação entre o linguístico e o extralinguístico em cada atuação verbal, tendo como ponto principal a coesão e a coerência e a predisposição dos interlocutores na interpretação dos sentidos e intenções. Para tanto, dependendo do tipo e gênero usado, os princípios de textualidade não podem passar despercebidos.

2 MÉTODO

Essa pesquisa é de natureza aplicada, pois, a partir desse estudo, procura-se obter conhecimentos que possam ser postos em práticas, dentro da perspectiva do ensino de língua portuguesa. Compreende-se que, com as investigações levantadas nessa pesquisa, seja possível a solução de problemas que geram em torno da prática de abordagem dos estudos textuais. Tais problemas levantados aqui são de abordagem qualitativa, uma vez que se levam em consideração as proposições estabelecidas com base no referencial teórico. Ademais, não foi utilizado nenhum levantamento com o uso de gráficos e tabelas.

Utiliza-se o *corpus* de análise com a finalidade de fazer uma interpretação a partir dos fatores de textualidade, isto é, consideramos para as análises os fatores extralinguísticos do texto.

Nessa pesquisa, a fim de se obter resultados e afirmações acerca das questões norteadoras, é realizada uma pesquisa de cunho bibliográfico. Esse tipo de pesquisa se estabelece com a leitura de livros, revistas, artigos e outras fontes que estejam ao alcance dos pesquisadores, podendo ser matérias que se encontram na internet. Segundo Lima (2004, p. 38), a pesquisa bibliográfica “é a atividade de localização e consulta de fontes diversas de informação escrita orientada pelo objetivo explícito de coletar materiais mais genéricos ou mais específicos a respeito de um tema”.

É significativo elucidar que nesse tipo de pesquisa, os participantes tornam-se investigadores, que, por meio do conhecimento adquirido com os teóricos, passam a procurar formas de solucionar os problemas levantados. Isso tudo para contribuir com a ciência. Segundo Boaventura (2009), os pesquisadores andam de acordo com suas necessidades, selecionando fontes que sejam coerentes para a concretização da sonhada pesquisa.

Tem-se como instrumento de coleta de dados sistemático, pois os textos serão analisados através dos princípios de textualidade, estabelecidos aqui.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Levando em consideração as discussões estabelecidas no aporte teórico dessa pesquisa acerca de linguística do texto, princípios de textualidade e gêneros textuais, trazemos nesta seção as análises propostas para a concretização da pesquisa. Nesse momento, atentaremos para os princípios de textualidade, a fim de estabelecer interpretação do corpus selecionado para análise.

A primeira análise fica a cargo de uma notícia extraída do portal MSN, do dia 11 de setembro de 2015. A notícia traz uma discussão acerca de um aplicativo desenvolvido para mapear a falta d'água, na região metropolitana de São Paulo. Atente à notícia a baixo:

Aplicativo que mapeia falta de água⁴

A Aliança Pela Água, coalizão que reúne cerca de 60 entidades entre ONGs, especialistas e movimentos sociais lança, nesta quinta feira, o aplicativo “Tá Faltando Água”, cujo objetivo é mapear e conscientizar a respeito da falta de água na região metropolitana de São Paulo. O aplicativo foi apelidado de ‘Waze da falta d’água’ em referência à popular rede social do trânsito.

O ‘Tá Faltando Água’ usa sistemas de geolocalização do próprio celular ou o CEP do imóvel atingindo, o que permite que as pessoas registrem a incidência de falta d’água em tempo real em toda a região metropolitana, com *avatars* dos usuários indicando sua localização exata.

O *app*, desenvolvido por voluntários de uma empresa de software, terá duas versões: uma disponível na internet, para acesso via navegador, e outro para celulares com sistema operacional Android e iOS. A arquiteta e urbanista Marussia Whately, coordenadora da Aliança Pela Água, explica que o *app* tem como objetivo promover a transparência a respeito do problema.

Dentro da perspectiva dos estudos textuais, mais especificamente, a interpretação de texto com base nos fatores de textualidade, compreende-se que a interpretação global do texto

⁴ Notícia extraída do portal MSN, em 11 de setembro de 2015.

só será possível quando se leva em consideração os fatores extralinguísticos, uma vez que a atividade verbal acontece sob os olhares do locutor e do interlocutor, como bem afirma Antunes (2009, p. 80): “a atividade verbal se efetiva por meio do linguístico, mas sob a intervenção e a regência dos interlocutores, o que constitui condição inalienável de sua real efetivação”.

A notícia acima é um gênero textual. Esse tipo de gênero tem suas características particulares de composição. Pede uma linguagem clara e objetiva; a escrita deve obedecer à norma padrão da língua. O objetivo da notícia é informar ao leitor sobre determinado acontecimento ou evento, sempre despertando a atenção dos interlocutores para problemas existentes na sociedade. Antunes (2009) aborda a questão do gênero do discurso enfatizando que tais mecanismos linguísticos abrangem normas e convenções que são orientadas pelas práticas sócias. Nosso acervo cultural condiz com a existência dos gêneros discursivos.

No exemplo mostrado, aplicando o princípio de intencionalidade, temos como pontos relevantes, as informações verdadeiras contidas no noticiário e o objetivo de convencer o leitor acerca da falta de água na região metropolitana de São Paulo. Nesse viés, o aluno interpreta a notícia a partir do objetivo central que o texto propõe. Objetivo esse que só se estabelece a partir das orientações externas ao texto, ou seja, das necessidades que as pessoas têm. É o que esclarece Antunes (2009, p. 59):

Numa palavra, deve-se ir além do sentido para identificar também as intenções pretendidas pelo autor, as quais se expressam nas palavras e em muitos outros sinais. O estudo dos gêneros permitiria aos alunos perceber como a elaboração e a compreensão de um texto resultam da conjunção de fatores internos à língua e de fatores externos a ela; externos, porque ancorados numa situação social que envolva uma prática de linguagem.

Ainda com a notícia em questão, partiremos ao princípio de aceitabilidade. Essa notícia é bem aceita pelos leitores, pois traz discussões de interesses de quem a lê, uma vez que o ponto central do texto está sobre um problema recorrente no dia a dia. Portanto, a notícia se veicula a partir da necessidade que o leitor tem, fazendo esse se dispor a captar os sentidos que o autor quer passar. Ao compreender isso, Antunes (2009, p. 77) afirma que “um texto não se faz de qualquer jeito; mas é regulado por um conjunto de propriedades, as quais constituem uma rede de relações, ou seja, assumem um caráter inteiramente relacional”.

Continuando a interpretação da notícia, atentamos agora ao princípio de situacionalidade. Nesse aspecto, dentro do contexto do gênero textual notícia, compreende-se

que a situacionalidade vai levar em consideração a abordagem do tema, ou seja, como discutir tal tema dentro dos aspectos sociopolítico-culturais. A partir daí, o aluno fará uma interpretação coerente do texto, pois segundo Koch e Travaglia (2004, p. 85) “a situação comunicativa tem interferência direta na maneira como o texto é construído, sendo responsável, portanto, pelas variações linguísticas”.

O produtor do texto, portanto, levou em consideração o que é adequado para a produção da notícia, como o grau de formalidade e a norma padrão de escrita.

Além dos fatores mencionados acima, ainda torna-se relevante levar em consideração o princípio de informatividade. Para o gênero textual que estamos abordando, é importante que haja sempre relatos ou discussões novas, pois para o leitor, o texto será mais informativo se possuir informações novas, visto que o leitor procura saber acerca do que ele não tem ciência no momento. No exemplo que está em questão, a notícia traz discussões sobre um aplicativo que mapeia e alerta sobre a falta de água. Mesmo sabendo da falta de água que assola o país, essa notícia não deixa de ser informativa, pois abarca uma novidade para os leitores, isto é, traz informações de seu interesse. Koch e Travaglia julgam: “se um texto contiver, além da informação esperada ou previsível, informação não previsível, terá um grau maior de informatividade”. (2004, p. 86).

3.1 A interpretação com base no princípio de intertextualidade

Dando continuidade nas análises dos *corpora* selecionados, atentamo-nos agora para o princípio de intertextualidade. E para tal, selecionamos a crônica *Notícia de Jornal*, de Fernando Sabino e, para fazer um paralelo, o poema *O bicho*, de Manoel Bandeira.

A crônica de Fernando Sabino retrata a realidade daqueles que moram na rua e morrem de fome, por não ter um prato de comida. Essa crônica aborda um problema social, muito corrente na atualidade. Atente a crônica a seguir:

Notícia de um jornal⁵

Leio no jornal a notícia de que um homem morreu de fome. Um home de cor branca, 30 anos presumíveis, pobrementemente vestido, morreu de fome, sem socorros, em pleno centro da cidade, permanecendo deitado na calçada durante 72 horas, para finalmente morrer de fome.

Morreu de fome. Depois de insistentemente pedidos e comentários, uma ambulância do Pronto Socorro e uma radiopatrulha foram ao local, mas regressaram sem prestar auxílio ao homem, que acabou morrendo de fome.

⁵ <http://www.fotolog.com.br>

Um homem que morreu de fome. O comissário de plantão (um homem) afirmou que o caso (morrer de fome) era da alçada da Delegacia de Mendicância, especialista e, homens que morrem de fome. E o homem morreu de fome.

O corpo do homem que morreu de fome foi recolhido ao Instituto Antônio sem ser identificado. Nada se sabe dele, senão que morreu de fome.

Um homem morreu de fome em plena rua, entre centenas de passantes. Um homem caído na rua. Um bêbado. Um vagabundo. Um mendigo, um anormal, um tarado, um pária, um marginal, um proscrito, um bicho, uma coisa – não é um homem.

E os outros homens cumprem seu destino de passantes, que é o de passar. Durante setenta e duas horas todos passam, ao lado do homem que morreu de fome, com um olhar de nojo, desdém, inquietação e até mesmo piedade, ou sem olhar nenhum.

Passam, e o homem continua morrendo de fome, sozinho, isolado, perdido entre os homens, sem socorro e sem perdão.

Não é da alçada do comissário, nem do hospital, nem da radiopatrulha, por que haveria de ser daminha alçada? Que é que eu tenho com isso? Deixa o homem morrer de fome.

E o homem morre de fome. De trinta anos presumíveis. Pobrememente vestido. Morrer de fome, diz o jornal. Louve-se a insistência dos comerciantes, que jamais morrerão de fome, pedindo providências às autoridades.

As autoridades nada mais puderam fazer senão remover o corpo do homem. Deviam deixar que apodrecesse, para escarmento dos outros homens. Nada mais puderam fazer senão esperar que morresse de fome.

E ontem, depois de setenta e duas horas de inanição, tombado em plena rua, no centro mais movimentado da cidade do Rio de Janeiro, Estado da Guanabara, um homem morreu de fome.

(Fernando Sabino)

Para que haja a interpretação desse tipo de texto, que retrata o cotidiano de muitos daqueles que moram na rua e morrem de fome, é necessário ativar os conhecimentos prévios que temos acerca do assunto, ou seja, fazer inferências aos conhecimentos externos que abarcam tal temática. Nessa perspectiva, esse texto torna-se um intertexto de muitos outros, na medida em que traz fragmentos, seja escritos literalmente ou quando possui a mesma ideia, de outro texto. Para Bentes (2005, p. 269):

Todo texto é um objeto heterogêneo que revela uma relação radical de seu interior com seu exterior; e desse exterior, evidentemente, fazem parte outros

textos que lhe dão origem, que o predeterminam, com os quais dialogam, que retoma, a que alude ou a que se opõe.

Em uma forma mais ampla, esse texto dialoga com as reportagens ou chamadas jornalísticas que mencionam o caso de um homem está morto ou morrendo em uma praça, por não ter o que comer. Portanto, o aluno ao se deparar com um texto como esse vai interpretá-lo a partir dos demais acontecimentos que giram em torno do problema social que a crônica aborda. Nesse sentido, compreende-se que o texto não é inédito, pois faz referência a outros textos já produzidos. Ao abordar a intertextualidade, Antunes (2009, p. 163) “afirma que esse princípio remonta a ideia de que a humanidade, no curso de sua história, realiza um único e permanente discurso, que se vai compondo, que se vai completando”. Logo, o acontecimento dessa crônica é uma extensão de um discurso já proferido e, que o aluno o interpreta com facilidade quando possui conhecimentos a cerca desse e de outros discursos com a mesma ideia.

Em um sentido mais restrito, essa crônica dialoga com o poema *O bicho*, de Manoel Bandeira. Esse diálogo se dá mais precisamente com o quinto parágrafo da crônica. Atente ao parágrafo mencionado:

Um homem morreu de fome em plena rua, entre centenas de passantes. Um homem caído na rua. Um bêbado. Um vagabundo. Um mendigo, um anormal, um tarado, um pária, um marginal, um proscrito, um bicho, uma coisa – não é um homem.

Agora veja o poema de Manoel Bandeira:

O bicho

Vi ontem um bicho
Na imundície do pátio
Catando comida entre os detritos.

Quando achava alguma coisa,
Não examinava nem cheirava:
Engolia com voracidade.

O bicho não era um cão,
Não era um gato,
Não era um rato.

O bicho, meu Deus, era um homem.

Esses dois gêneros dialogam por trazer a mesma ideia de composição. Nesse caso, há um intertexto entre a crônica e o poema. Ambos retratam um problema social vigente e comum no país. Ademais, o quinto parágrafo do texto de Fernando Sabino traz uma sequência

de referência ao homem ou ao estado do homem, o mesmo ocorre no texto de Manoel Bandeira. Esse, na terceira estrofe, revela uma série de comparação ao homem.

Antunes afirma:

Todo texto, na sua produção e na sua recepção, está ligado ao conhecimento que os interlocutores têm acerca de outros textos previamente postos em circulação. Ou seja, recorre-se à intromissão de outro(s) texto(s), em um texto particular, como uma forma natural de a atividade comunicativa ocorrer. (2009, p. 165).

Portanto, a partir do princípio de intertextualidade o aluno passa a compreender e interpretar os textos de maneira mais coerente e completa, pois é entendido que todo texto se manifesta a partir de outros textos já construídos e, passar isso aos alunos, torna-se relevante, uma vez que os alunos conhecem variados textos, sejam os que circulam no meio eletrônico ou os que estão nos livros impressos. E dentro da perspectiva dos princípios de textualidade e da linguística do texto, o professor pode fazer de sua aula um momento mais produtivo e dinâmico. É o que afirma Antunes (2009, p. 51) “o estudo das línguas recobriria mais consistência e mais relevância se elegesse, como ponto de referência, o texto”.

4 CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

O ensino de língua portuguesa deve passar da ideia de que para compreender texto é preciso estacionar nas regras gramaticais e ficar nas margens do texto. É preciso ampliar a visão do trabalho em torno dos estudos textuais, já que as manifestações de linguagem se situam sempre em torno do texto.

O ensino precisa despertar a talento de bem falar e escrever nos alunos. Para isso, é imprescindível haver mais espaço para o texto e uso dos gêneros textuais. O professor é a arma fundamental para que se possa ter um ensino mais pautado no uso do texto. Para tal, é significativo que os métodos empregados pelos discentes estejam mais condizentes com a realidade e com as práticas de comunicação. É inegável que o a prática pedagógica já tenha mudado, mas é necessário que se prossiga nessa mudança, pois – se ainda – encontram-se pesquisas como essa, é porque ainda existam práticas de ensino que precisa ser modificada e reorientada. Se se olhar para trás, veremos que o ensino desprezava uma prática de abordagem em cima do texto e, no novo século, é importante que a ideia de utilização de texto com a finalidade de se explorar os elementos sintáticos e morfológicos dei lugar a um estudo que leve em conta os princípios extralinguísticos, para assim, a interpretação textual ocorrer de forma global.

Recomendamos essa pesquisa para os discentes do curso de licenciatura em Letras, já que esses são um dos responsáveis pelo ensino de linguagem. Recomendamos também para todos os alunos das outras licenciaturas, pois como educadores, possuem a prática pedagógica, e para a concretização de um ensino coerente, seja qual for o *corpus* de trabalho, é preciso que se leve em consideração os fatores externos que integram o ato comunicativo.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Irandé. *Língua, texto e ensino: outra escola possível*. São Paulo: Parábola, 2009.
- ANTUNES, Irandé. *Aula de português: encontro e interação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- BAGNO, Marcos. *Português ou Brasileiro? Um convite à pesquisa*. 4 ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- BOAVENTURA, Edivaldo M. *Metodologia da pesquisa: monografia, dissertação, tese*. São Paulo: Atlas, 2009.
- CAMARA JUNIOR, Joaquim Mattoso. *Manual de expressão oral e escrita*. 24 ed. Petrópolis. Vozes, 1986.
- FAVERO, L. L.; KOCH, I. G. V. *Linguística Textual: uma introdução*. 3 ed. São Paulo; Cortez, 2009
- FÁVERO, Leonor Lopes; KOCH, Ingedore V. *Linguística textual: uma introdução*. São Paulo: Cortez, 1983.
- INDURSKY, Freda. O texto nos estudos da linguagem. In: ORLANDI, E.P; RODRIGUES, S. L. (Orgs.) *Discurso e Textualidade*. Campinas: Pontes, 2006.
- KOCH, Ingedore Villaça. *A coesão textual*. 19 ed. São Paulo: Contexto, 2004.
- KOCH, Ingedore G. Villaça. *Desvendando os segredos do texto*. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2003.
- KOCH, Ingedore Villaça; TRAVAGLIA, Luiz C. *A coerência textual*. 16 Ed. São Paulo: Contexto, 2004.
- LIMA, Monolita Correia. *Monografia: a engenharia da produção acadêmica*. São Paulo: Saraiva, 2004.
- MARCUSHI, Luiz Antônio. *Gêneros textuais & ensino*. 4 eds. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.
- MUSSALIM, Fernanda, BENTES, Anna Christina (Orgs.). *Introdução à Linguística: domínios e fronteiras*. 5 ed. São Paulo: Cortez, 2005.
- XAVIER, Antônio Carlos dos Santos. *Como se faz um texto: a construção da dissertação argumentativa*. Catanduva: Rêspel, 2006.